

AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS DO PORTUGUÊS ANGOLANO E DO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO REVISITADAS¹

Ana Maria Brito

Universidade do Porto

Resumo: O texto analisa alguns aspetos sintáticos das construções ditransitivas em duas variantes africanas do português, o Português Angolano e o Português Moçambicano, em comparação com o Português Europeu, à luz de dados recentemente recolhidos no quadro do projeto PALMA (*Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português*). Os dados recolhidos mostram que algumas tendências referidas na bibliografia para ambas as variantes não são atualmente muito produtivas, que há algum fator de animacidade que marca a escolha das preposições, apontando os fenómenos para uma crescente nativização do Português em Angola e Moçambique. Desse modo, tanto no PA como no PM a hipótese do contacto de línguas parece pesar menos do que foi proposto por alguns autores. Discute-se brevemente a estrutura das construções ditransitivas, propondo-se que o OI ocupa na base a posição de especificador de

¹ Este texto é parte da apresentação feita na *Conferência Internacional Horizontes do Português*, organizada pela FLCSH, Universidade Púnguè, Chimoio, Moçambique, a 4 de Maio de 2021; dado que não foram publicadas para já as Atas da Conferência, obtive autorização dos organizadores para a publicação deste texto. Agradeço ao Tjerk Hagemeyer, à Rita Gonçalves e às bolsistas do projeto PALMA a colaboração no mês de Março de 2021 no que diz respeito à consulta dos dados e a outros elementos sociolinguísticos.

uma projeção verbal baixa e que os movimentos do V e do SN OD dão conta da ordem não marcada V SN SPREP.

INTRODUÇÃO

Como resultado de um longo processo evolutivo a partir do Latim, o Português perde a flexão casual nos sintagmas nominais, sendo as funções sintáticas dos constituintes na frase dadas pela ordem de palavras, pelos artigos e pela presença de preposições.

Como é sabido, o Português Europeu (PE) exhibe várias construções ditransitivas, ilustradas em (1), de que se destaca o uso da preposição *a* para exprimir o Objeto Indireto (OI) e o emprego de clíticos dativos, que por vezes aparecem redobrados por um outro pronome, como em (1c):²

(1)(a) A Maria deu um livro ao João.

(1)(b) A Maria deu-lhe um livro.

(1)(c) A Maria deu-lhe um livro a ele.

A preposição *a* como expressão de dativo é distinta de *para*; essa preposição pode mesmo co-ocorrer com *a*, com o significado de destinatário (último), como nos exemplos seguintes:

(2)(a) O José entregou uma carta à Maria para o pai (que está no hospital).

(2)(b) O José comprou um vestido à vendedora para o bebé.

Além dos chamados “*core dative verbs*” como *dar*, *oferecer*, e dos “*non-core dative verbs*” como *enviar*, *lançar* (cf. RAPAPORTT HOVAV e LEVIN, 2008), o dativo é também usado com verbos de dois lugares, como *telefonar* e *obedecer*, como em (3):

(3)(a) A Maria obedeceu à mãe.

(3)(b) A Maria telefonou à mãe.

As construções ditransitivas têm sido objeto de análise no Português Europeu (PE) por parte de inúmeros autores: Xavier (1989), Vilela (1995), Duarte (2003), Soares da Silva (2000), Brito (2008, 2010, 2014, 2015), Gonçalves (2016), entre outros.

² Neste texto não se analisa o problema da ordem de palavras, em particular a ordem marcada V SPREP SN, como em *A Maria deu ao João um livro*, geralmente usada com foco contrastivo sobre o *João*.

As variantes não europeias do Português mostram algumas diferenças relativamente ao paradigma exposto em (1), (2) e (3), tendo havido nas últimas décadas vários estudos sobre construções ditransitivas: para o Português do Brasil (PB), Torres Morais e Lima Salles (2010); para o Português de Moçambique (PM), Gonçalves (1990, 2004, 2010); para o português de São Tomé (PST), Gonçalves (2016); e para o Português de Angola (PA), Mingas (2000), Miguel (2019), Chavagne (2005) (entre muitos outros).

O objetivo do presente texto é analisar as variantes de Angola e de Moçambique à luz de dados recentemente recolhidos no quadro do projeto PALMA (*Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português*), a que pertenço, juntamente com investigadores portugueses e também angolanos e moçambicanos. O projeto é financiado pela FCT e tem como investigador responsável Tjerk Hagemeyer, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).³

O texto está organizado da seguinte maneira: na secção seguinte analiso as construções ditransitivas no PA; a seguir estudo o mesmo fenómeno no PM, a que se sucede a discussão dos dados e uma breve reflexão sobre a sintaxe das construções ditransitivas. O texto termina com as referências bibliográficas.

AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Algumas hipóteses anteriores

Nalguns dos trabalhos sobre o PA, vários autores referiram a tendência para uso da preposição *em* para marcar o OI; vejam-se os exemplos seguintes dados em Chavagne (2005, p. 224-225) e retomados em Brito (2008, 2010), em que a preposição *em* é o marcador do OI, quer como verbos de três argumentos (*entregar, dar*) (4), quer como verbos de dois argumentos (*telefonar, explicar*), como em (5):

(4)(a) Daí eles entregarem numa moça

(4)(b) deu na mãe a outra metade

(5)(a) telefonar na polícia

(5)(b) explicar no povo.

Tem sido também notado que outra tendência do PA é o uso generalizado da preposição *em* com verbos de movimento, como *chegar, ir*, como em (6):

³ *Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português* (PTDC/LLT-LIN/29552/2017) (em inglês: *Possession and location: microvariation in African varieties of Portuguese*).

(6)(a) Ela foi no mercado.

(6)(b) Ela chegou em casa.

O facto de uma mesma preposição, *em*, estar a exprimir o recipiente / a meta / o alvo humano com Vs ditransitivos de transferência de posse como *dar* e *entregar* e verbos com dois argumentos como *telefonar* e *explicar* e, ao mesmo tempo, exprimir o ponto de chegada de um movimento de direção inerente expresso por *ir*, *chegar* e outros Vs é muito interessante, e esse facto poderá justificar uma hipótese homogénea. Em Brito (2008, 2010), tentei formular uma hipótese de natureza semântica. A hipótese foi a seguinte: a preposição *em*, entre outros valores, significa o limite final de uma trajetória, concreta ou abstrata, quer seja combinada com verbos de movimento (*ir*, *chegar*), quer seja combinada com verbos de transferência de posse (*dar*, *entregar*).

Repare-se que essa hipótese repousa sobre uma propriedade de natureza semântica e nada tem a ver com a possível influência da gramática das línguas em contacto, contacto esse que, como sabemos, caracteriza a situação do PA, tal como a de outras variedades africanas do Português.

Explicações baseadas no contacto foram formuladas por Marques (1983), Mingas (2000), Chatelain (1888-9) (*apud* HAGEMEIJER, 2016). De acordo com os autores referidos, o Quimbundo e o Umbundu, entre outras línguas Bantu de Angola, têm três prefixos de classe locativos que se associam aos nomes. O prefixo locativo *ku-* do Quimbundo ou *ko-* do Umbundu, da classe nominal 17, ocorre tipicamente com a ideia de interioridade, tal como ilustrado nos seguintes exemplos, todos dados em Hagemeyer (2016, p. 55), que estou aqui a seguir muito de perto:

(7)(a) Mwene w-ala ku-bata (Quimbundu; MINGAS, 2000, p. 75)

Ele CS-estar LOC-casa

‘Ele está em casa’

(7)(b) Nga-bana ma-divuluku-a-thu (Quimbundu)

1as.PST-dar 6-livro LOC-2-pessoa

Nda-ka a-livuluko-ma-nu (Umbundu)

‘Dei os livros às pessoas’

De acordo com os autores citados, essa marcação dos argumentos quer locativos quer de meta da transferência de posse com o prefixo *ku* / *ko* estaria a influenciar a gramática do Português, língua que os angolanos têm em grande percentagem como L2.

Temos assim dois tipos de explicações distintas para a reestruturação da grelha argumental dos verbos e para o uso generalizado da preposição *em* com Vs de transferência de posse e verbos de movimento direcional.

No sentido de verificar estas e outras hipóteses e de desenvolver uma análise das construções dativas e das construções locativas no PA, no PM e no PST, está a ser desenvolvido nos últimos anos em Portugal o projeto PALMA, a que já anteriormente fiz referência.

ALGUNS DADOS DO PROJETO PALMA

Para este texto, realizei uma pesquisa no mês de Março de 2021 no *corpus* do PA e no *corpus* do PM do projeto PALMA.

Tendo limitado a análise às construções ditransitivas com o verbo *dar*,⁴ organizei os dados obtidos em cinco grupos, conforme a maneira como o OI é expresso:

- I. Construção V SN SPREP com a preposição ‘a’
- II. Construção V SN SPREP com a preposição ‘em’
- III. Construção V SN SPREP com a preposição ‘para’
- IV. Construção V SN SN (sem qualquer preposição)
- V. Construção V dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}.

Vejam os então alguns exemplos ilustrativos de cada uma das construções:

- I. Construções V SN SPREP com a preposição ‘a’:

Apresento apenas 9 (nove) exemplos representativos:⁵

(8) CPOL 08 D ... que damos a os professores para eles poderem *dar um acréscimo às nossas notinhas* para podermos transitar de classe

(9) CPOL 09 de muita luta – quem emprega são os privados que estão a *dar trabalho a outras pessoas* é que o governo também está a criar

(10) CPOL 09 a medida em que vão dever o salário – então nós vamos *dar o salário ao colega* e o colega vai receber

⁴ Tal escolha tem as suas vantagens – trata-se de um dos “*core dative verbs*” mais representativos – e, por outro lado, por ser no infinitivo, o sistema dá-nos facilmente os dados; mas a escolha também tem os seus problemas, pois encontrei muitas produções de DAR leve, de *dar* em expressões idiomáticas e em expressões mais ou menos lexicalizadas como *dar aulas*.

⁵ Identifiquei os exemplos com as siglas com que aparecem no *corpus*, tal como o consultei em Março de 2021.

- (11) CPOL 09 administrativa de a própria comunidade – os roubos esse é que vai *dar os dados XX concretos ao soba D*
- (12) CPOL 11 por mais que seja uma mãe solteira ainda é alguém que pode *dar algum contributo à sociedade* se se tiver oportunidade...
- (13) CPOL 12 as vezes não tem como dar um carro – não tem como *dar um um telefone novo ao filho* depois começam a surgir essas...
- (14) CPOL 12 eh *a educação que tem a as mãe a dar aos nossos filhos* – nós as mães agora a as vezes
- (15) CPOL 21 Nossos Super – não sei quê? – quer dizer estamos a *dar emprego a tanta gente* – todo mundo só quer é trabalhar em....
- (16) CPOL 45 agradar a um lado e – prejudicar o outro tem se dito *dar a César o qué de César e dar a Deus o qué de Deus D* sim senhor I e pronto

II. Construção V SN SPREP com a preposição ‘para’:

- (17) CPOL 09 ... porque só ele que pode *dar algumas soluções para esses problemas D* sim senhor
- (18) CPOL 09 tudo bem que não temos emprego mas o governo *não vai dar emprego para todo para todos* de uma só vez – tudo é
- (19) CPOL 24 e já não quer mais participar – não pode – tens que dar conforme todas *deram mil mil para ti* – também tens que dar

III. Construção V SN SPREP com a preposição ‘em’

- (20) CPOL 31 um picante não é ? ... para *dar o gosto na comida* – para quem gosta....
- (21) CPOL 36 eh – *importância é o valor não é? que vai se dar na mulher* em troca desse alambamento
- (22) CPOL 38 se for para dar sete mil sete mil damos se for para *dar cinco damos numa pessoa* sucessivamente assim cada mês uma pessoa....
- (23) CPOL 42 pessoas também / X com a sua palavra quando *num querem dar o dinheiro / XXX* saem prejudicados por exemplo...
- (24) CPOL 48 ‘ um bebé a sofrer a procura deo *pão que vai dar nos filhos* mas a as vezes são corridas também....

IV. Construção V SN SN (sem qualquer preposição)

(25) CPOL 28 está tapado – você vai ver – ah é *galinha que está afinal está dar o filho ou a irmã ou a mãe...*⁶

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como a lista dos exemplos já indica, foi com a preposição ‘a’ que encontrei mais enunciados e, surpreendentemente, com a preposição ‘em’ apenas encontrei, numa procura rápida, cinco exemplos a introduzir o OI.

De modo a perceber o que leva à diferenciação das preposições, importa analisar, em primeiro lugar, os traços semânticos do argumento OI, a que tematicamente corresponde o recipiente ou a meta.

Em muitos dos exemplos, a preposição *a* com OI representa um animado ou um humano, como em (13), aqui renumerado como (26):

(26) CPOL 12 as vezes não tem como dar um carro – não tem como *dar um um telefone novo ao filho* depois começam a surgir essas...

A mesma preposição surge em dois exemplos com OI não animado, como em (27):

(27)(a) *dar consistência ao farelo*

(27)(b) *dar um acréscimo às nossas notinhas* (no exemplo 8)

A preposição *para* surge com OI não animado, como em (28), por exemplo:

(28)(a) *dar algumas soluções para esses problemas* (no exemplo 17)

Mas também surge com um OI humano, como em (29):

(29)(a) não vai *dar emprego para todo para todos* de uma só vez – tudo é...

(29)(b) CPOL 24 e já não quer mais participar – não pode – tens que dar conforme todas *deram mil mil para ti* – (no exemplo 19)

Finalmente, a preposição *em* surge com OI humano, como em (30):

(30)(a) *importância é o valor não é? que vai se dar na mulher*

(30)(b) *dar sete mil sete mil damos se for para dar cinco damos numa pessoa*

(30)(c) *o pão que vai dar nos filhos*

⁶ O exemplo é pouco claro e, por isso, não sabemos se o SN em causa (*o filho ou a irmã ou a mãe*) é SU ou se é OI; por isso, o exemplo pode não ser representativo da Construção de Duplo Objeto, como à primeira vista parece.

Porém, ocorre também com um não animado, como em (31), ficando a dúvida se se trata de um argumento locativo ou de um verdadeiro OI:

(31) um picante não é? ... para *dar o gosto na comida* – para quem gosta...

É importante destacar que o predomínio da preposição *em* como expressão do OI em PA não se verifica neste *corpus* (contrariamente ao afirmado em bibliografia anterior), embora tal preposição esteja presente com “*core dative verbs*” e sugira uma leve tendência de efeito de (não) animacidade, como vimos anteriormente.

Gonçalves e Brito (2020) mostram que a preposição *a* é dominante com o V leve *dar*, como em *dar formação a*, *dar emprego a*, *dar educação a*, *dar contributo a*, não se tendo encontrado nenhum exemplo deste tipo de construção com *em*.

Encontrámos também um provérbio com a preposição *a* (cf. (16), repetido aqui como (32)):

(32) outro tem se dito *dar a César o que de César e dar a Deus o que de Deus* D sim senhor I e pronto (191, CPOL 45).

A partir de exemplos como este, poderia pensar-se que um dos fatores do uso de *a* é haver algum grau de lexicalização, como no provérbio em (32) e em combinações com o V *dar* leve: contudo, os dados com preposição *a* são tão numerosos e variados que a hipótese de lexicalização não dá conta inteiramente dos factos.

Não fizemos aqui uma análise fina de *kuou kua* nas Línguas Bantu em contacto com o PA, ficando a hipótese de se tratar de uma preposição e de um marcador de Caso em Quimbundu, como propõem Hagemeyer, Gonçalves, Miguel e Duarte (2019). De qualquer modo, o que o *corpus* consultado mostra é que a hipótese de influência do contacto de línguas não é tão evidente como proposta nalguma bibliografia.

Os autores indicados estudaram este tema sobretudo a partir de dados da tese de Miguel (2014), tendo comparado não só “*core dative verbs*” como *dar*, mas também “*non-core dative verbs*” como *ensinar* e, como vamos ver, os resultados encontrados foram muito semelhantes.

Em (33), apresentam-se alguns dos exemplos do referido trabalho, ilustrativos de uso de *em*, de *a* e de *para*, respetivamente:

(33)(a) São pessoas que *dão benção nas outras pessoas*.

(33)(b) Eles *dão muita importância a isso*.

(33)(c) *ensinar a minha língua nacional para as crianças*.

As conclusões principais dos autores sobre o PA foram as seguintes: com “*core-dative verbs*” como *dar* e OI recipientes [\pm ANIM], a preposição é *a*; com recipientes [+ANIM] e também com “*core dative verbs*” encontra-se *em* mas “esta não é a estratégia generalizada no PA para exprimir recipientes.” (minha tradução). Em relação à natureza do OI, os autores escrevem que “os quadros observados mostram efeitos de escolha de verbos e efeito de animacidade.” (minha tradução)

Os dados por mim recolhidos, como foram de *dar*, exclusivamente, não permitem concluir nada sobre a escolha do verbo; em relação a efeitos de animacidade mostram também uma tendência de uso de *em* para animados, mas só uma tendência, pois tanto encontramos *para dar o gosto na comida* como *o pão que vai dar nos filhos*.

No mesmo trabalho, Hagemeijer, Gonçalves, Miguel e Duarte (2019) dão-nos alguns exemplos de Quimbundu com “*core dative verbs*” (*dar*) e “*non-core dative verbs*”, como *enviar*:

(34)(a) Ngabana divulu kuaathu.

‘eu dei o livro às pessoas’

(34)(b) Ngabana divulu kudiloja.

‘eu dei o livro à loja.’

(34)(c) Ngatumikisa mukanda kua Nzwa.

‘eu enviei uma carta ao João’

Os exemplos, apesar de em número reduzido, indiciam uma certa tendência para uso do prefixo *kua* com OI animados e *ku* com não animados; tudo isto leva os autores a proporem que os “predicados com um traço de transferência de posse e ou de movimento desencadeiam o uso do marcador locativo *kù*”, tratando os marcadores de classe das Línguas Bantu (Quimbundu, em particular) como equivalentes a preposições marcadoras de caso (desenvolvendo DIARRA, 1990: 59).

No final da sua investigação, os autores concluem que “os traços do PA podem ser explicados por uma complexa interação entre contacto de línguas e propriedades gerais da gramática”, (minha tradução), posição com a qual concordo inteiramente.

Note-se ainda que o nosso *corpus* é rico em pronomes dativos em todas as suas formas, como no PE, sendo o pronome, como se espera, expressão das

peças do discurso (*me, te, nos*) ou de 3ª pessoa (*lhe, lhes*). Eis, a seguir, seis casos ilustrativos da construção V – Construção V dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}:⁷

V. Construção V dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}

(35) CPOL01... o Onjiva saiu em o mato para para trabalhar qualquer coisa *lhe dar algo de comer às crianças* D eh...⁸

(36) CPOL04 ... outras coisas diferente *lhe chamam de sanzaleira* D hem – *podes nos dar alguns pratos típicos de Angola?*

(37) CPOL 06 ... mano empresta x e em o fim de o mês *vou te dar os teus x* com mais qualquer coisa....

(38) CPOL 28 quimbandeiro mata pessoa D ah quimbandeiro I você tem que *lhe dar galinha*...

(39) CPOL 28 aqui em o caderno em o sabe quem que vai *te a dar trabalho* em esse momento...

(40) CPOL 29 em o terreno – está ali – *ele ele não te pode dar o dinheiro* exatamente....

Nota-se então que os resultados a que chegámos são bastante distintos dos referidos por vários autores que, nos anos 1980, 1990 e princípio do século XXI, destacaram a predominância de *em* para exprimir o OI no PA.

Talvez a explicação para essa discrepância se relacione com as variáveis sociolinguísticas dos falantes cujas produções foram recolhidas neste projeto.

Assim, no *corpus* do PA, encontrámos produções dos seguintes tipos de falantes:

⁷ Os pronomes dativos em causa surgem em ênclise, em próclise ou elevados para um V de reestruturação ou para um auxiliar, conforme os casos, mas não vou deter-me aqui na ordem de palavras.

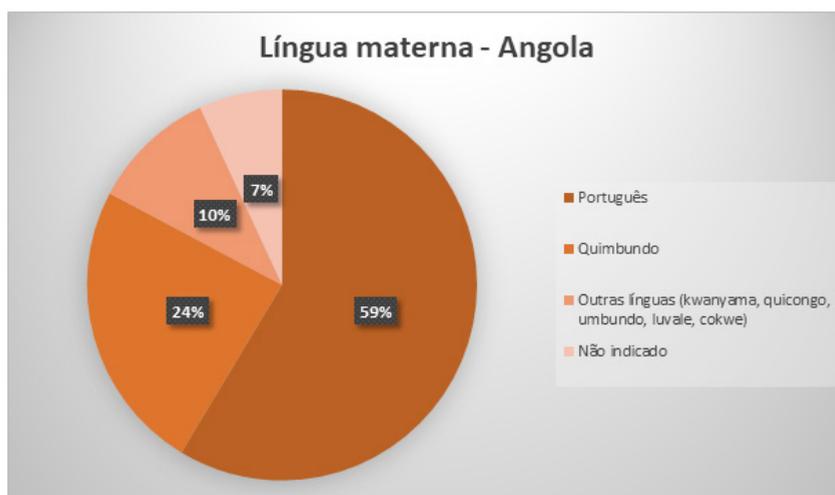
⁸ Note-se que no exemplo em causa parece haver redobro do OI com SN pleno, como em Espanhol, estratégia agramatical no PE, que só permite redobro com pronomes (*lhe ... a ele / ela*). Dado que foi encontrado apenas este exemplo e que não há uma total concordância quanto ao número (*lhe ... às crianças*), não consideramos este fenómeno relevante.

Quadro 1 – Género, idade e escolaridade dos falantes do PA pesquisados pelo projeto PALMA

Variáveis		Homens	Mulheres	Total informantes
Idade (Média♂: 37; Média♀: 38)	18-25	9	9	58
	26-35	6	6	
	36-45	6	6	
	46-69	9	7	
Nível de escolaridade	0 – 4.º ano	2	3	58
	5.º – 9.º ano	12	6	
	10.º – 12.º ano	8	7	
	Ensino superior	8	11	
	Não indicado	0	1	

Fonte: Autoral.

Quadro 2 – L1 dos falantes do PA pesquisados no projeto PALMA



Fonte: Autoral.

O Quadro 1 apresentado mostra que, em 58 falantes, 15 têm do 10º ao 12º ano e 19 estudaram em ensino superior, o que indica, logo à partida, que estamos a referir-nos a uma população com alguma formação escolar.

Do ponto de vista da língua materna dos falantes pesquisados, 59% têm o Português como L1; 24% o Quimbundu e, portanto, tais falantes têm o Português como

L2; 10% têm como L1 outras línguas de Angola, o que indica desde já que a população agora estudada poderá diferir da analisada por Mingas, Miguel, Cabral e Chavagne nos anos 1980, 1990 e princípio do século XXI.⁹

Assim, independentemente de uma análise formal mais fina das construções ditransitivas em PA, o facto de as expressões do OI mais frequentes nesta variedade serem idênticas às estratégias dominantes do PE (através do uso da preposição *a* e do uso de pronomes dativos) mostra o forte estatuto de nativização do Português em Angola, L2 para cerca de 70% a nível nacional, embora superior em contexto urbano e sobretudo muito falado por gerações jovens.¹⁰

CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Depois de traçar um breve panorama das construções ditransitivas com o verbo *dar* em PA, irei tratar agora o mesmo fenómeno no PM, de novo a partir dos dados do projeto PALMA.

Tal como em relação ao PA, encontrámos vários tipos de construção.¹¹

I. Construção V SN SPREP com a preposição ‘a’:

(41) PROJ 37 o quê que tem feito para / digamos / minimizar ou *dar uma melhor educação à sua filha?* ...

(42) PROJ41 mais e / tem que melhorar mais / no sentido de / *dar aquela moral aos professores* / não só professores....

(43) PROJ 47 porque nunca posso recorrer aos tempos / e *não dar nada ao meu filho* / porque eu também vivi mal...

(44) PROJ 52 ... tem aquela tradição de que / os pais é que *deviam dar o nome ao primeiro filho dele*

(45) PROJ 70 tem que aprender a organizar as coisas / a saber *que informação dar à gente* ... (aqui int. subordinada, o OD é *que informação*)

Repare-se desde já que, em todos os exemplos já citados, o OI é um animado ou um humano e, por isso, a presença da preposição *a* é esperada se se

⁹ Em cada folha Excel do projeto PALMA é possível identificar a L1 de cada um dos entrevistados, mas não o fiz na análise que vai seguir-se.

¹⁰ Num total de 25, 7 milhões de pessoas, de acordo com Censo de 2014; ver, entre outros, <https://blogs.opovo.com.br/girolusofono/2016/05/30/lingua-portuguesa-e-falada-por-71-dos-angolanos-aponta-censo/>.

¹¹ Algumas das quais com o V *dar* leve, como em *dar educação*.

verificar um fator de animacidade idêntico (mas não exatamente igual) ao do PA.

II. Construção V SN SPREP com a preposição ‘para’:

Encontrámos apenas dois exemplos, em (46), com ‘para’:

(46)(a) se não puder *dar uma festa para os amigos* / o que é que...

(46)(b) ele conseguiu / com muito suor *dar uma base para todos os filhos*

A presença de construções ditransitivas com pronome OI dativo quer de 1ª e 2ª pessoas quer de 3ª pessoa é também uma marca do *corpus* do projeto, como apresentamos em III.

III. Construção dar Pronome_{Dativo} SN_{Acusativo}

(47) PROJ 50 ...de ela precisar ver os filhos / *eu não lhe dar os filhos* / nunca me ligou / eu também que sou homem...

(48) PROJ 51 ... não faço nada / ou *queres me dar trabalho* / já para o fim de semana? (*me* que subiu para *querer*)

(49) PROJ 69 ...então se tivesse *pouco para me dar*/ se não eu não podia ter o suficiente (o OD aqui é o pronome quantificado *pouco*)

(50) PROJ 69 ... psicologia *está-me a dar subsídio* / praticamente porque fala -se mais de perceber o aluno /

(51) PROJ 70 ... o estado tem que me dar também / *tem que me dar uma pequena percentagem* / além do que vou receber...

(52) PROJ 70 ... *nem que seja um por cento do valor* / *tem que me dar* / para fazer valer isso tudo...

(53) PROJ 70 eu nego a editora / eu nego a editora porque *querem-me dar aquilo que não vale o meu trabalho* / eu nego / agora

O pronome dativo encontra-se em ênclise ou próclise em relação ao *V dar* ou elevado para um auxiliar ou para um V de reestruturação, como em ... *está-me a dar subsídio* ou em ... *porque querem-me dar aquilo que não vale o meu trabalho*, questões sintáticas que não vou aqui explorar.

Como já referi anteriormente, quer com a preposição *a* quer com pronomes dativos o OI é um animado ou um humano.

Não encontrámos nenhuma Construção de Duplo Objeto (CDO). A única construção não preposicionada está ilustrada em (54):

IV. Construção V SN_{OD-Tema} SN_{OI-Recipiente} (não preposicionada):

(54) PROJ 53 ... nós os africanos / sempre a tendência de *dar nome os nossos filhos* ...

Neste caso trata-se do V *dar* leve (*dar nome* = *nomear*) e daí a ordem de palavras encontrada, não se tratando claramente de uma CDO.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vemos assim que a estratégia dominante em PM para exprimir o OI continua a ser o uso da preposição *a*, muito menos a preposição *para* e a CDO é praticamente inexistente.

De forma a discutir os dados recolhidos, importa perceber as principais características sociolinguísticas dos falantes pesquisados.

Quadro 3 – Género, idade e escolaridade dos falantes pesquisados no projeto PALMA

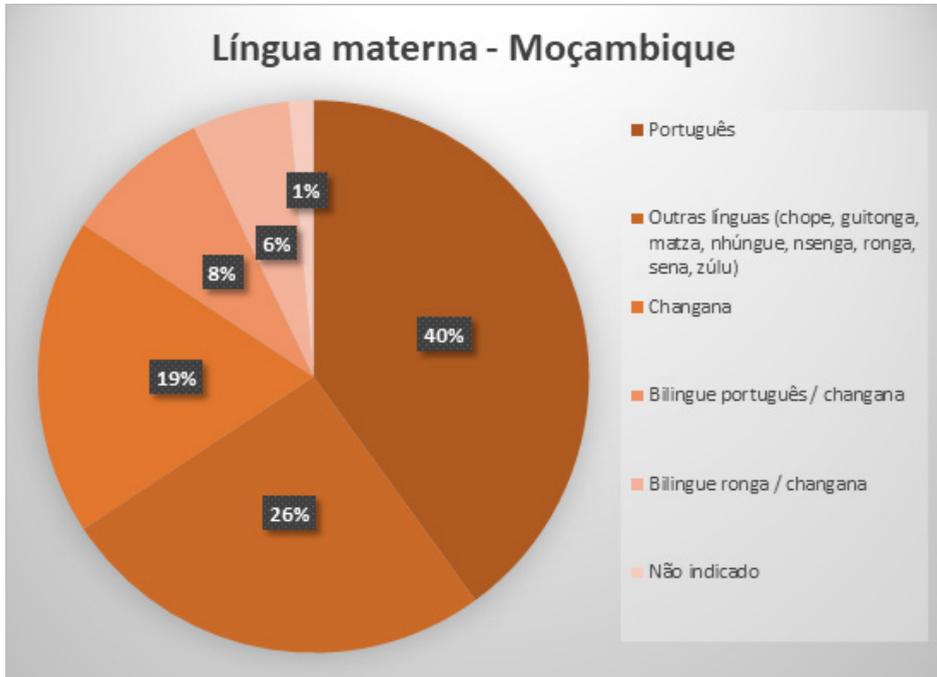
Variáveis		N.º de informantes	Total informantes
Género	Masculino	37	70
	Feminino	33	
Idade (Média: 34)	17-25	23	70
	26-35	22	
	36-45	10	
	46-82	15	
Nível de escolaridade	0 – 4.º ano	4	70
	5.º – 9.º ano	18	
	10.º – 12.º ano	23	
	Ensino superior	22	

Fonte: Autoral.

Vemos que, tal como em relação ao PA, o quadro revela estarmos perante falantes com algum grau de escolaridade, pois em 70, 23 têm do 10º ao 12º ano e 22 têm ensino superior.

Quanto à Língua materna, 40% têm o Português como L1 materna e 26% várias outras línguas; 19% têm o Changana como L1, sendo 8% bilingues Português / Changana.

Quadro 4 – L1 dos falantes do PM pesquisados no projeto PALMA



Fonte: Autoral.

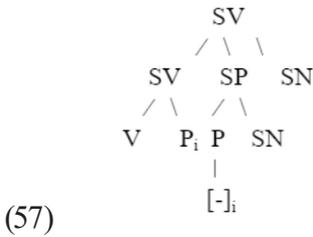
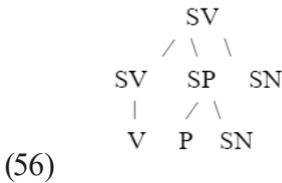
Gonçalves (1990, 2004, 2010) estudou extensivamente a variedade do PM e os exemplos seguintes são retirados de obras suas. De acordo com os seus dados, a CDO (55a) seria a estratégia ditransitiva dominante em PM, com a consequência de que as passivas dativas seriam igualmente possíveis (55b):¹²

(55)(a) Entregou o emissário as cartas (= ao emissário)

(55)(b) Os jovens são dados responsabilidades de família.

Para explicar estes fenómenos, Gonçalves (1990, 2004, 2010) desenvolve uma análise segundo a qual o PM está a sofrer uma mudança paramétrica, de acordo com a qual os verbos, à semelhança do que se passa nas línguas maternas dos falantes, as línguas Bantu, têm a possibilidade de atribuir o caso objectivo / acusativo a mais do que um argumento, pela incorporação sistemática de uma preposição nula no verbo, tratamento que Perpétua Gonçalves desenvolve a partir de Baker (1988). Baker propõe essa análise para dar conta da Construção de Duplo Objeto (CDO) em Inglês, análise a que vou voltar adiante. Descrevo em (56) e em (57), de forma muito simplificada, esse processo de incorporação:

¹² Vou aqui usar uma pequena parte do meu trabalho Brito (2010).



Segundo Gonçalves (1990), esse mecanismo explicaria a chamada CDO (55a) e as passivas dativas (55b). Para a autora, portanto, (ver em particular Gonçalves 2010: 103, 106, 107), a CDO está relacionada com as Línguas Bantu faladas em Moçambique; assim, para esta autora, o contacto de línguas e o facto de o Português ser L2 de grande parte dos moçambicanos são os fatores fundamentais para a existência da CDO como estratégia ditransitiva dominante; de notar, no entanto, que Gonçalves combina a sua explicação com uma análise formal fina, baseada em princípios e parâmetros formais.

Note-se que os dados em que Perpétua Gonçalves se baseia, em grande parte dos seus trabalhos, foram obtidos em produções semiespontâneas (entrevistas) conduzidas no quadro do Projeto Português Oral do Maputo (PPOM), um projeto desenvolvido nos bairros que circundam a cidade de cimento em Maputo, que se destinava precisamente a estudar a produção do Português por parte de uma população pouco escolarizada, e com dados em grande parte recolhidas nos anos 80 e 90 do século XX.

Como já disse, o *corpus* do PM do projeto PALMA não confirma a CDO como estratégia dominante e mostra a existência de construções ditransitivas preposicionadas, com grande destaque para as que contêm a preposição *a*, na linha aliás do já proposto por Cumbane (2008) para essa variante.

Na sua tese de doutoramento, Cumbane (2008) usou um inquérito por questionário de juízos de gramaticalidade sobre frases em Português L2 dirigido a falantes nativos de Xitshwa. Cumbane (2008: 341) mostra que a média de respostas positivas a uma CDO é de 64,77%. No entanto, em relação à construção com a ordem V OD OI (*O Pedro enviou a criança ao irmão*), quer dizer, para a construção ditransitiva com a preposição *a* e com a ordem não marcada, a média

de respostas que consideram tais frases como gramaticais é de 97,92 %, um número superior ao da CDO (Cumbane 2008: 345). Isso indica que, em tarefas que envolvem processamento, os resultados são menos restritivos e os falantes consideram com facilidade como aceitável a construção preposicional do PE (cf. Cumbane, p. 346-7).

Como já sugeri, os informantes estudados por Perpétua Gonçalves no quadro do PPOM eram muito distintos dos informantes cujas produções foram recolhidas para o projeto PALMA, e por isso a comparação entre os resultados das duas pesquisas tem de ter isso em conta.

O que importa assinalar é a heterogeneidade linguística de um país como Moçambique, ligado ao facto de o Português ser L2 para cerca de 50% da população. Por isso, concordamos com o que Perpétua Gonçalves escreveu a esse propósito (*I Colóquio Internacional VariaR*, Março de 2021): “A população moçambicana está exposta a um *input* heterogéneo, em que dominam os falantes não nativos do Português europeu padrão (PE), mas em que existe também uma oferta linguística considerável desta norma, sobretudo através dos manuais escolares e dos meios de informação. Pode assim dizer-se que, atualmente, os falantes têm ‘competências múltiplas’ (Lightfoot, 2006) em português, e que o seu discurso é gerado por propriedades e regras da ‘nova’ gramática do Português de Moçambique (PM) e do PE”.¹³

Penso que é essa também a situação em Angola. De facto, quer em Angola quer em Moçambique os falantes de Português L2 são detentores de conhecimentos gramaticais múltiplos, e em que uma gramática do Português muito próxima da do PE tem um grande peso, dado que esta língua tem vindo a nativizar-se de forma acentuada nos últimos anos.

A ESTRUTURA ADOTADA PARA AS CONSTRUÇÕES DITRANSITIVAS

Nesta parte do trabalho, discutirei muito brevemente a estrutura das construções ditransitivas preposicionais.

¹³ Em Moçambique quase 50% da população “sabe Português”, de acordo com o Censo de 2017 (isto é, 10.535.905 de pessoas, para 11.707.468, que respondem “não sabe Português”) (<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/08-lingua/quadro-24-populacao-de-5-anos-e-mais-por-condicao-de-conhecimento-da-lingua-portuguesa-e-sexo-segundo-area-de-residencia-e-idade-mocambique-2017.xlsx/view>).

O tema tem sido objeto de discussão profunda, sobretudo a partir do momento em que as línguas com alternância dativa, como o Inglês, foram aproximadas das Línguas Bantu. De facto, Baker (1988) fez a proposta de que o Inglês, uma língua com alternância dativa, isto é, com CDO como em (58) e uma Construção Dativa Preposicional, como em (59):

(58) John gave Mary a book

(59) John gave a book to Mary

é semelhante às línguas Bantu, no sentido em que tem uma construção de duplo objeto (CDO), que tem alguma semelhança com a construção aplicativa nas L. Bantu (com a ordem V SN_{Recipiente} SN_{Tema}), como em (60) em Chichewa:

(60) Chitsiru chi-na-gul-ír-a atsíkána mphâtso

7-louco 7S-Pass-comprar-apl-Vf (vogal final) 2-raparigas 9-presente

‘O louco comprou um presente às raparigas’ (Alsina e Mchombo, 1993, p. 18).

Em (60) o verbo *comprar* em Chichewa não é um “*core dative verb*”, no entanto, seleciona, além do argumento *um presente*, o argumento às raparigas e quando isso acontece ganha um morfema aplicativo, *ír*, que se incorpora no verbo e que Baker associa a um elemento de natureza preposicional, uma tomada de posição que não está isenta de críticas.

Segundo Baker, o Inglês tem uma preposição nula (o equivalente ao morfema aplicativo) que incorpora na raiz verbal como um processo de atribuir duas vezes o caso objetivo / acusativo na CDO, ver (58), análise que Perpétua Gonçalves adota nos seus trabalhos para dar conta da CDO em PM (ver, entre outros, o exemplo (55a) anteriormente apresentado).

Contudo, em Português não parece justificar-se a ideia de alternância dativa, como no Inglês;¹⁴ além do mais, como Gonçalves (1990) bem mostrou, o Português não tem passivas dativas (veja-se a agramaticalidade de (61a), ao contrário do Inglês (61b):

(61)(a) * A mãe foi dada uma prenda.

(61)(b) Mother was given a gift.

E o Português tem um sistema de casos nos pronomes pessoais em que a diferença entre dativo e acusativo é bem clara.

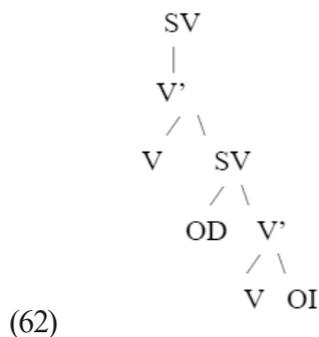
¹⁴ Para uma discussão sobre a possibilidade de alternância dativa em Português, ver Morais e Salles (2010), Costa (2009), Brito (2014, 2015) e Gonçalves (2016).

Assumirei, portanto, e sem problematizar muito, já que noutros trabalhos o fiz, as seguintes ideias:

- (i) em Português e noutras línguas românicas, embora haja diferentes expressões das construções ditransitivas, não se justifica a ideia de alternância dativa (cf. Gonçalves, 2016);
- (ii) justifica-se usar a noção de ditransitividade, isto é, a ideia de que há verbos com três argumentos internos, um agente, um tema e um recipiente / alvo / meta, embora em Português, assim como noutras línguas, haja “*core-dative verbs*” como *dar*, *oferecer* e “*non-core dative verbs*”, como *enviar*, *lançar* (cf. Rapaport Hovav Levin, 2008);
- (iii) não parece justificar-se a categoria funcional aplicativo para as línguas românicas e para o Português em particular (cf. Brito, 2014, 2015); e
- (iv) a preposição *a*, como expressão de caso dativo, é diferente de *para* em Português Europeu. As duas preposições podem mesmo coexistir em Português, como vimos em (3). Porém, em certas variedades do Português, a preposição *para* pode mesmo exprimir o OI, como parece acontecer em PA, mas muito menos em PM.¹⁵

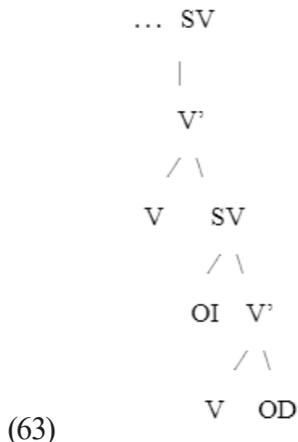
Não se justificando, portanto, a ideia de alternância dativa como no Inglês e noutras línguas germânicas, há que encontrar então um tratamento sintático adequado para o PE e para variantes do Português que têm variantes preposicionais.

Uma estrutura (simplificada) como (62) pareceria justificada para o Português, uma estrutura em que uma projeção verbal baixa contém o OD como especificador e o OI como complemento de V’:



¹⁵ Não esquecer que em PB *para* é mesmo a preposição predominante para o OI (Brito 2008, 2010).

Contudo, há razões para pensar que a estrutura em (62) pode não ser a mais adequada em PE e que a alternativa em que o OI ocupa uma posição mais alta do que o OD é possível (63):¹⁶



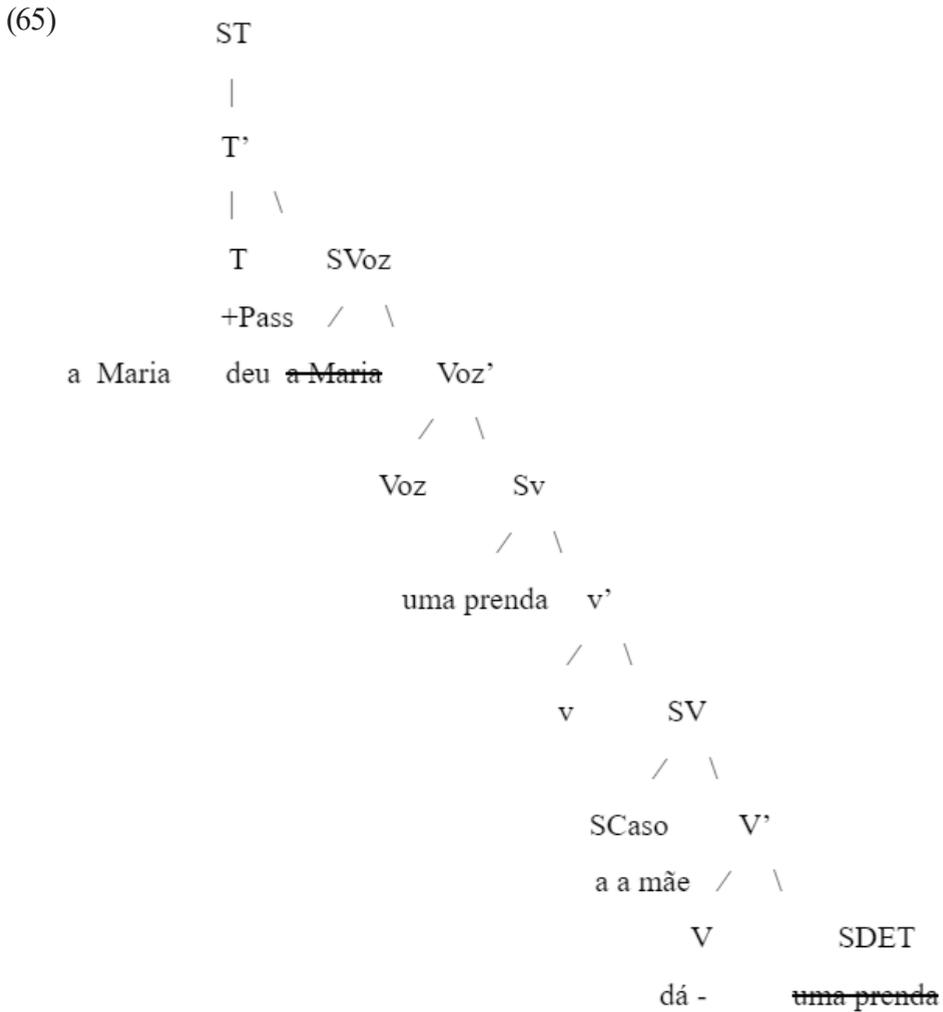
Uma estrutura desse tipo foi proposta por Brito (2010) e mais recentemente por Gonçalves (2016) e Hagemeijer, Duarte e Gonçalves (2018), com algumas diferenças; nomeadamente, em vez da indicação SDET/ SP proposta em Brito (2010) para dar conta do OI em PE, os autores propõem KP (S Caso), uma opção formal mais elegante.¹⁷

Aplicando essa ideia a uma frase simples, teríamos para (64) a estrutura (65):¹⁸
 (64) A Maria deu uma prenda à mãe.

¹⁶ As duas representações são tiradas de Costa (2009), que defende, por várias razões, que ambas as estruturas se justificam em Português. Para uma discussão ver Gonçalves (2016).

¹⁷ Uma hipótese para explicar a CDO seria que apenas um SN / SD é projetado em especificador da projeção verbal mais baixa (cf. Hagemeijer, Duarte e Gonçalves 2018). Mas sobre CDO há uma longa produção de que aqui não podemos dar conta.

¹⁸ Uso aqui três camadas verbais (SVoz, Sv e SV) (sobre este assunto ver, entre outros, Brito 2014, 2015).



Repare-se que (65) representa a estrutura sintática antes dos movimentos; o V move-se para T, o argumento externo *a Maria* move-se para especificador de TP; o SN OD procura o caso acusativo na posição de especificador de Sv; o dativo é considerado um caso inerente, uma vez que o caso é atribuído a um SN / SDET por um V através de *a* ou diretamente a pronomes dativos; esse caso abstrato é um traço interpretável e nessas condições não ativa nenhuma operação de concordância (“agree”); desse modo, o constituinte *a DP* não precisa de se mover em qualquer das estruturas, gerando a ordem não marcada em Português V SN SPREP.

CONCLUSÕES

Neste texto analisei as construções ditransitivas em duas variantes do Português, PA e PM, a partir de dados do projeto PALMA. Resumo a seguir as principais conclusões deste estudo:

1. De acordo com os dados recolhidos, as construções ditransitivas do PA estão a usar muito pouco a preposição *em* para marcar o OI, ao contrário do que é dito nalguma bibliografia. Há algum fator de animacidade que parece estar a marcar a escolha das preposições *a*, *em* e *para* nesta variante: *a* usa-se com [+/-Animado] e *em* tendencialmente com [+ Animado]; mas, mais do que uma regra, parece ser realmente uma tendência. A crescente nativização do Português em Angola está a contribuir para a presença da preposição *a* e para o uso tão produtivo de pronomes dativos.
2. No PM, é igualmente notória a nativização do Português, de tal modo que a CDO referida por Perpétua Gonçalves nos anos 1990 como a mais representativa das construções ditransitivas não aparece no *corpus*, surgindo como muito produtiva a preposição *a* e muito pouco a preposição *para*. Os pronomes dativos surgiram igualmente com grande peso no *corpus*.
3. Tanto no PA como no PM a hipótese do contacto de línguas parece pesar menos do que é proposto por alguns linguistas. De qualquer modo, tanto num país como noutra o Português é L2 de uma percentagem grande de falantes e por isso tais falantes são detentores de “gramáticas múltiplas” e, por sua vez, a comunidade é caracterizada por “gramáticas em competição”.
4. As línguas românicas e o Português em particular não têm alternância dativa e não têm CDO como o Inglês, pois não permitem passivas dativas.
5. Quanto à estrutura das construções ditransitivas preposicionadas, vimos que, em linhas gerais, estão em discussão duas estruturas. Defendi que uma estrutura possível é aquela em que o OD é o constituinte em complemento da projeção verbal mais baixa e que o OI é projetado em especificador dessa projeção verbal (usando a noção de SCaso de Hagemeijer, Duarte e Gonçalves, 2018). Por uma questão de espaço, abdiquei da análise das construções com pronomes. A alternativa em que o OI é apenas um SN / SDET e não SCaso parece ser útil para explicar a CDO, embora neste texto não tenha analisado em detalhe toda a problemática associada a esta construção.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Paulino Soma. *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas fráscas do português em Angola*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Évora, 2014.
- BAKER, Mark. *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- BRITO, Ana Maria. Grammar variation in the expression of verb arguments: the case of the Portuguese Indirect Object, *Phrasys*. vol. 2008 (2), p. 31-58.
- BRITO, Ana Maria. Do European Portuguese and Spanish have the Double Object Construction? In: ENCUESTROGG. *V Encuentro de Gramática Generativa*, Facultad de Lenguas. Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CD Rom, 2010: p. 81-114.
- BRITO, Ana Maria As construções ditransitivas revisitadas. Alternância dativa em Português Europeu? In: MORENO, A. et al. *Textos Seleccionados: XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2014, p. 103-119.
- BRITO, Ana Maria. Alternância dativa em português europeu e em espanhol? In: FIÉIS, Alexandra; LOBO, Maria; MADEIRA, Ana (org.). *O Universal e o Particular. Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier*. Lisboa: Edições Colibri, 2015, p. 61-78. [ISBN 978-989-689-477-1].
- CHATELAIN, Héli. *Grammatica elementar do kimbundu ou lingua de Angola*. Ridgewood, New Jersey: The Gregg Press Incorporated, 1888-89.
- CHAVAGNE, Jean-Pierre. *La Langue Portugaise d'Angola*. Diss. de Doutoramento, Univ. Lumière Lyon 2, 2005.
- COSTA, João. A focus-binding conspiracy. Left-to-right merge, scrambling and binary structure in European Portuguese. In: CRAENENBROECK, Jeroen van (ed.). *Alternatives to Cartography*. Berlin: Walter de Gruyter, 2009, p. 87-108.
- DIARRA, Boubacar. *Gramática kimbundu*, Luanda, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto de Línguas Nacionais, 1990.
- DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 5. ed., 2003, p. 275-321.
- GONÇALVES, Perpétua. *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, 1990.

GONÇALVES, Perpétua. Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: Arguments from the genesis of Mozambique African Portuguese. *Journal of Pidgins and Creole Languages*, 19. 2, 2004, p. 225-259.

GONÇALVES, Perpétua. *A génese do Português de Moçambique*, Lisboa, INCM, 2010.

GONÇALVES, Rita. *Construções Ditransitivas no Português de São Tomé*, Tese de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Lisboa, 2016.

HAGEMEIJER, Tjerk. O português em contacto em África. In: MARTINS, A. M.; E. CARRILHO, E. (ed.). *Manual de Linguística Portuguesa*, 43-67. Berlim: Mouton de Gruyter, 2016.

HAGEMEIJER, Tjerk; DUARTE, Inês; GONÇALVES, Rita. Dative microvariation in Portuguese. *Datives in Discourse*, University of Cologne, October 25-26, 2018.

HAGEMEIJER, Tjerk; GONÇALVES, Rita; MIGUEL, Afonso; DUARTE, Inês. Possession and location in urban Angolan Portuguese. *ACBLPE & SPCL*, June, 17-19, 2019.

LIGHTFOOT, David. *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MARQUES, Irene G. Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. In: ICALP (ed.). *Actas do Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no mundo*, 1983, p. 205-223.

MIGUEL, Afonso. *Integração morfológica e fonológica de empréstimos lexicais bantos no português oral de Luanda*. Dissertação de Doutoramento em Linguística apresentada à Universidade de Lisboa, 2019.

MINGAS, Amélia A. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*, Porto: Campo das Letras, 2000.

RAPAPPORT HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. The English dative alternation: the case for verb sensitivity. *Journal of Linguistics* 44, 2008, p. 129-167.

SOARES DA SILVA, Augusto. A estrutura semântica do objecto indirecto em Português. *Atas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2000, vol. II, p. 433-451.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LIMA-SALLES, Heloísa. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus*. 22, 2010, p. 181-209.

VILELA, Mário. *Gramática de Valências*. Teoria e aplicação, Coimbra: Almedina, 1992.

XAVIER, Maria Francisca. *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais*. Um estudo contrastivo das preposições a, de e to, from, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1989.

